

## Didáctica do desenho



ELVIRA LEITE (\*)

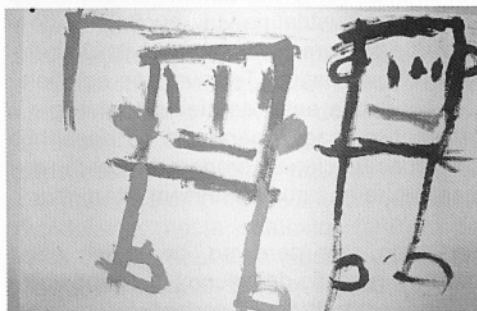
*"A linha de um desenho não imita o visível, mas sim cria o visível"*

Paul Klee

O que dizer sobre **desenho** ou mais propriamente sobre a **didáctica do desenho**? É complexo este tema e corro riscos de desactualização agora que frequentemente se diz "tudo é **desenho**", sendo que não será a mesma coisa que dizer "há **desenho** em tudo".

Avivando memórias do tempo em que lidava directamente com crianças e que fui professora dos ensinos básico e secundário, talvez possa deixar uns breves apontamentos sobre a minha apropriação do conceito, mais como disciplina escolar.

À partida o **desenho** é uma linguagem comum na nossa cultura, nasceu com o surgimento da pessoa humana fazendo parte do nosso imaginário. Sobretudo, na infância desenhar não é "representar" é agir; é estimular a percepção e interiorizar o que se vê; é um meio de apropriação do mundo envolvente para nele a criança se situar,



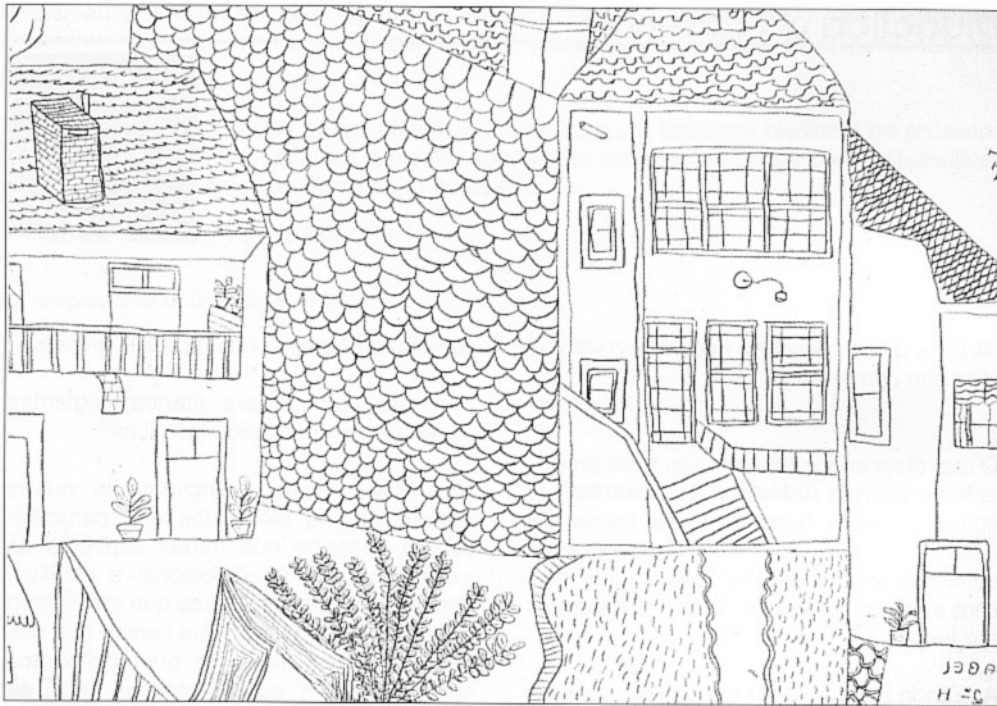
Desenho de criança com 4 anos

aumentando o seu poder sobre si própria.

Será que nos níveis etários seguintes desenhar tem princípios idênticos?

Nas idades mais avançadas há outras referências; há elementos que caracterizam o desenho que traduz aspectos da experiência interior emocional e intuitiva, desenho expressivo; outros que identificam e determinam a ordem das coisas que nos são exteriores; ainda há outros atributos que se podem acrescentar ao acto de desenhar, como sejam a representação ou sugestão representativa de coisas observadas ou concebidas. No **desenho** as derivas são muitas, assim como os objectivos que as determinam e, este facto, em certa medida, vai condicionar os processos a desenvolver no percurso académico. No entanto, o essencial em qualquer desenho é conciliar o racional e o intuitivo.

No meu ponto de vista, há expressões próprias de cada idade e de cada personalidade; há um tempo de maturidade na relação da pessoa com os espaços, com as formas e os acontecimentos; há níveis de vivência e de compreensão e, portanto, há uma diversidade de registos, mas em todos eles há uma estruturação e um conteúdo mais ou menos consciente do que se vê, do que se recorda, do que se imagina ou do que se quer representar. O **desenho** está, então, relacionado com observação, memória, faculdade criadora e riqueza de vida interior, entrando em jogo a capacidade de execução, a qual, consoante as propostas, poderá ser mais livre ou mais rigorosa, normalizada ou científica.



Desenho de aluno do 6.º Ano da Escolaridade (12 anos )

Ontem como hoje, o **desenho**, requer uma prática elaborada pela apropriação de um vocabulário próprio e uma acção reflexiva do sujeito perante o percurso de elaboração, para encontrar coerência entre a intenção e a produção. Refiro-me, sobretudo, ao desenho que se reinicia ao nível do ensino secundário.

Vou constantemente relembrando as minhas aulas e os meus alunos; o **desenho** esteve sempre presente embora com uma autonomia reduzida. Os programas sempre se apresentavam saturados de conteúdos para serem trabalhados. As minhas propostas de **desenho** envolviam a percepção táctil e visual. Construíam-se “modelos”, montagens em cartolina, cartão, plásticos, barro, madeira, chapa, materiais com consistências, texturas e pesos, diferentes. Com as mãos e o pensamento manipulavam-se os materiais para a construção de volumes estranhos, de criação livre, com formas mais geométricas, outras mais

orgânicas, para depois as desenharem de memória ou vendo-as. Faziam esboços e desenhos com mais preocupações de apuramento, quer em partes, quer na totalidade; desenhavam uma, duas, três vezes até chegarem a um resultado satisfatório. Julgo que a manipulação e a construção são exercícios bons para a compreensão das formas em volume. A sensibilização ou iniciação ao desenho/projecto também tinha o seu espaço. A tentativa era levar os jovens a compreenderem o papel do desenho industrial na vida quotidiana, conduzindo-os para o pensamento flexível, fluente e imaginativo. Tentavam-se estabelecer conexões entre as ideias originais e a sua concretização para que os desenhos de peças funcionais proporcionassem uma boa leitura aos que os fossem interpretar.

Em todo este percurso, procurava estar atenta à reacção dos alunos às minhas propostas, para introduzir variantes que os levassem à compreensão do que lhes era